

**UFMG – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

**JULIANA GOMES VENTURA**

**AUTISMO E INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA INTELIGÊNCIA: UMA  
REVISÃO DA LITERATURA NACIONAL**

**BELO HORIZONTE, MARÇO DE 2020**

**UFMG – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

**AUTISMO E INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA INTELIGÊNCIA: UMA  
REVISÃO DA LITERATURA NACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como requisito para a conclusão do curso de pós-graduação em Transtorno do Espectro Autista.

**Orientadora: Prof. Dra. Camila Graciella Santos Gomes**

BELO HORIZONTE, MARÇO DE 2020

150  
V468a  
2020

Ventura, Juliana Gomes.

Autismo e instrumentos de avaliação da inteligência  
[recurso eletrônico] : uma revisão da literatura nacional /  
Juliana Gomes Ventura. - 2020.

1 recurso online (14 f.) : pdf

Orientadora: Camila Graciella Santos Gomes.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em  
Transtorno do Espectro do Autismo - Universidade Federal  
de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências  
Humanas.

Inclui bibliografia.

1. Inteligência. 2. Transtornos do espectro autista.  
3. Neuropsicologia. I. Gomes, Camila Graciella Santos .  
II. Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e  
Ciências Humanas. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

CURSO DE TRANSTORNOS DO ESPECTRO DO AUTISMO

UFMG

## ATA DA DEFESA DA MONOGRAFIA DA ALUNA JULIANA GOMES VENTURA

Realizou-se, no dia 14 de março de 2020, às 09:00 horas, ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de monografia, intitulada *AUTISMO E INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA INTELIGÊNCIA: UMA REVISÃO DA LITERATURA NACIONAL*, apresentada por JULIANA GOMES VENTURA, número de registro 2018703182, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em TRANSTORNOS DO ESPECTRO DO AUTISMO, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). CAMILA GRACIELLA SANTOS GOMES - Orientador (FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DE MINAS GERAIS), Prof(a). Alexandre Hatem Pereira (UFMG), Prof(a). Mariana Viana Gonzaga (CEI Desenvolvimento Humano).

A Comissão considerou a monografia:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 14 de março de 2020.

Prof(a). CAMILA GRACIELLA SANTOS GOMES ( Doutora )

Prof(a). Alexandre Hatem Pereira ( Especialista )

Prof(a). Mariana Viana Gonzaga ( Mestre )

## Resumo

O Transtorno do Espectro Autista é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits nas áreas da comunicação, interação social e do comportamento. Sua apresentação clínica é altamente variável, impactando em maior ou menor grau diversas áreas do desenvolvimento. O DSM 5, indica que o perfil intelectual é frequentemente variável e coloca a necessidade de compreensão desse perfil, uma vez que as pesquisas sinalizam a frequente comorbidade com Deficiência Intelectual. O presente trabalho se propôs a analisar na literatura científica nacional estudos sobre os testes mais indicados para a avaliação da inteligência de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Neste levantamento bibliográfico foram encontrados 02 artigos e 01 dissertação de mestrado que trouxeram tal temática. Os estudos levantaram a importância de compreender o perfil intelectual dessa população para a implementação de intervenções mais eficazes e direcionadas. Além disso ressaltaram que o cuidado na escolha do instrumento mais adequado é fundamental para que tais habilidades cognitivas não sejam subestimadas, pois isso pode acontecer quando são levados em consideração os déficits relacionados à linguagem que uma criança com TEA apresenta. O Teste SON-R 2 ½ - 7 [a] e o Teste Matrizes Progressivas Coloridas de RAVEN, se mostraram adequados para a avaliação da inteligência de crianças com TEA, uma vez que são instrumentos não-verbais, ou seja, não é necessário fazer uso da linguagem oral ou escrita para aplicar e responder ao teste. Os estudos também informam sobre um perfil específico de habilidades intelectuais que se caracterizam por QI não verbal superior ao QI verbal e sobre habilidades visuoespaciais bem desenvolvidas e que favorecem seus desempenhos em tarefas que exigem dessas. No entanto, percebemos que mais pesquisas se fazem necessárias, tendo em vista outros instrumentos já validados no Brasil para avaliação dessa habilidade cognitiva, que poderão também contribuir para um levantamento de perfil intelectual mais fidedigno da criança, favorecendo assim, seu desenvolvimento global.

**Palavras-chave:** Avaliação da Inteligência. Autismo. Transtorno do Espectro Autista. Avaliação Neuropsicológica.

## **Abstract**

Autistic Spectrum Disorder is a neurodevelopmental disorder characterized by deficits in the areas of communication, social interaction and behavior. Its clinical presentation is highly variable, impacting to a greater or lesser degree several areas of development. The DSM 5, indicates that the intellectual profile is often variable and raises the need to understand this feature, since research indicates that there is frequent comorbidity with Intellectual Disability. This work aimed to analyze in the national (Brazilian) scientific literature studies on the most suitable tests for the assessment of the intelligence of children with Autism Spectrum Disorder. In this bibliographic survey, 02 articles and 01 master's paper were found that brought up this theme. The studies raised the importance of understanding the intellectual profile of this population for the implementation of more effective and targeted interventions, and the care in choosing the most appropriate instrument so that such cognitive skills are not underestimated, considering the deficits that a child with ASD presents, mainly related to language. The SON-R 2 ½ - 7 [a] Test and the RAVEN Colorful Progressive Matrices Test, were shown to be suitable for assessing the intelligence of children with ASD, since they are non-verbal instruments, that is, it is not necessary to do use of oral or written language to apply and respond to the test. The studies also report on a specific profile of intellectual skills that are characterized by non-verbal IQ higher than verbal IQ and on well-developed visuospatial skills that favor their performance in tasks that require them. More research is needed, considering other instruments validated in Brazil to assess this cognitive ability, which may contribute to a more reliable intellectual profile of the child, thus favoring his global development.

## Introdução

O Transtorno do Espectro Autista - TEA, é um transtorno do neurodesenvolvimento, ou seja, manifesta-se desde o início do desenvolvimento infantil e é caracterizado por déficits nas áreas da comunicação, da interação social e do comportamento. O desenvolvimento dessas áreas se apresenta de forma atípica, variando em diferentes níveis e trazendo prejuízos no funcionamento pessoal, social, acadêmico e profissional do indivíduo. (APA, 2014).

Por se tratar de um transtorno do neurodesenvolvimento, não se pode falar em cura, mas sim em tratamento, que envolve de forma sistemática a participação da família e atuação direta nas áreas da educação e da saúde. (SANDBERG e SPRITZ, 2017). Um tratamento direcionado para as necessidades individuais da criança, será fator preditor de sucesso para seu desenvolvimento, com objetivos a curto, médio e longo prazo direcionados à sua independência, autonomia e qualidade de vida. Inúmeros estudos têm colocado a importância da intervenção precoce e intensiva, como um elemento fundamental para o desenvolvimento da criança com TEA. Dessa forma ela impacta favoravelmente o prognóstico do paciente (ROGERS e DAWSON, 2014).

Segundo Bosa e Teixeira (2017), a apresentação clínica desses quadros é altamente variável, impactando em maior ou menor grau diversas áreas do desenvolvimento como a comunicação, o aprendizado, a adaptação a atividades de vida diária e socialização. Muitos indivíduos com TEA também apresentam comprometimento intelectual e/ou da linguagem. Mesmo aqueles com inteligência média ou alta apresentam um perfil irregular de capacidades. Essa discrepância entre habilidades funcionais adaptativas e intelectuais costuma ser grande. (APA, 2014)

O DSM-5 (APA, 2014) indica que em relação ao especificador “com ou sem comprometimento intelectual concomitante”, há a necessidade de compreender esse perfil intelectual, que frequentemente é irregular. Segundo Bosa e Teixeira (2017) a taxa de deficiência intelectual é variável e, por isso, casos mais leves podem passar despercebidos por profissionais da área. As autoras indicaram que aproximadamente 45% a 60% das pessoas com TEA, apresentam algum grau de deficiência intelectual. Compreender sobre o funcionamento intelectual desses indivíduos é de extrema

importância para avaliar o prognóstico, estabelecendo pontos fortes e fracos para a aprendizagem e para a implementação de intervenções mais eficazes e direcionadas.

Dentro da complexidade e da variabilidade de expressões e dos sinais do TEA, compreender quais alterações cognitivas fazem parte desse quadro é fundamental. A identificação do perfil cognitivo vai auxiliar no diagnóstico diferencial com outros transtornos ou na identificação das comorbidades, como por exemplo as diferenciações entre o TEA e o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade ou a Deficiência Intelectual. Uma avaliação neuropsicológica permite traçar o perfil do funcionamento cognitivo, descrevendo as habilidades preservadas e aquelas comprometidas, e essas informações serão de extrema valia para o processo de intervenção. (BOSA & TEIXEIRA - 2017)

Segundo *American Association on Intellectual and Developmental Disabilities – AAIDD* (2010) a Deficiência Intelectual é

“... uma incapacidade caracterizada por importantes limitações, tanto no funcionamento intelectual quanto no comportamento adaptativo, e se expressa nas habilidades conceituais, sociais e práticas. Essa incapacidade tem início antes dos 18 anos.”

Essa definição de Deficiência Intelectual engloba, portanto, dois componentes básicos principais, que são: a inteligência e a adaptação a um determinado contexto (MALLOY-DINIZ, 2016).

Segundo o DSM-5 (APA, 2014) a mensuração da inteligência deve ser realizada por meio de testes padronizados, adaptados culturalmente e com fortes propriedades psicométricas. Nos testes de inteligência, um resultado de Coeficiente de Inteligência (QI) inferior a dois desvios-padrão da média populacional é indicativo de Deficiência Intelectual, ou seja, num teste de inteligência em que a média é 100 e o desvio-padrão é 15, um QI Total abaixo de 70 pode caracterizar uma Deficiência Intelectual. Uma adequada avaliação da inteligência inclui também a avaliação do funcionamento adaptativo da criança, pois de acordo com o manual e com a AAIDD, para o diagnóstico de Deficiência Intelectual, apenas o quociente intelectual rebaixado não é suficiente, mas também um déficit significativo na funcionalidade (BOSA & TEIXEIRA, 2017)



Segundo Malloy-Diniz (2016), a inteligência é um dos construtos psicológicos cuja avaliação é mais bem validada pela literatura científica. A baixa inteligência é considerada um critério necessário para a Deficiência Intelectual, mas não suficiente para o diagnóstico, pois o segundo ponto mais importante a ser investigado é a presença de prejuízos no comportamento adaptativo. Esse é um construto essencialmente multifatorial e pode ser definido como o conjunto de habilidades que permite uma inserção funcional nas atividades diárias de casa, escola e trabalho.

Alguns desafios podem ser encontrados na avaliação da Inteligência de crianças com TEA, uma vez que a avaliação requer uma situação semiestruturada, interação social e comunicação, habilidades estas últimas que estão alteradas nas crianças com autismo. Para responder às tarefas propostas pelos instrumentos, a criança precisa compreender as instruções, entender que é necessário emitir uma resposta e se engajar nisso, para então responder ao que é solicitado. (BOSA & TEIXEIRA, 2017). As alterações de comportamento que não são manejadas adequadamente podem inviabilizar a aplicação de um teste padronizado ou então mascarar a capacidade daquela criança. Se isso acontece, a criança pode apresentar pontuações muito baixas ligadas a outros fatores que não a inteligência.

SOARES (2018) afirma que é possível, que os testes que têm demandas de produção e/ou compreensão de linguagem, sejam inapropriados para avaliar a inteligência de indivíduos com TEA, e que a inteligência desses indivíduos possa estar sendo subestimada.

Diante disso, o objetivo principal deste trabalho foi investigar na literatura nacional estudos sobre os testes mais indicados para a avaliação da inteligência de crianças com Transtorno do Espectro Autista, visando destacar o que a literatura traz sobre as particularidades dessa avaliação, contribuições, importância para o processo de intervenção e a relevância desse tipo de estudo para a literatura científica nacional.

## **Método**

Para o presente trabalho foi realizado um levantamento bibliográfico de artigos a partir das seguintes bases de dados: BVS-Biblioteca Virtual em Saúde, Scielo, Portal Capes, Lilacs, Medline e Google Acadêmico, com filtros direcionados para artigos

publicados nos últimos dez anos, ou seja, de 2010 a 2020, e também para pesquisas realizadas com crianças e adolescentes.

Buscou-se textos nacionais, somente em língua portuguesa e foram usados descritores como “Avaliação da Inteligência”, “Autismo”, “Transtorno do Espectro Autista” e “Avaliação Neuropsicológica”.

## **Resultados e Discussão**

Considerando que o Transtorno do Espectro Autista ocorre frequentemente em comorbidade com a Deficiência Intelectual, a avaliação da inteligência em crianças com autismo é de extrema importância, tanto no processo de diagnóstico quanto no momento de planejar as intervenções, uma vez que por meio dessa avaliação, é possível levantar as dificuldades e as facilidades cognitivas da mesma (BOSA & TEIXEIRA, 2017).

Bosa e Teixeira (2017), em um dos capítulos do Livro “Autismo: Avaliação Psicológica e Neuropsicológica”, fizeram um levantamento dos principais testes de inteligência utilizados no Brasil para crianças e que estão adaptados e validados para o nosso contexto até a data de publicação do livro. Tais instrumentos são descritos como favoráveis pelo SATEPSI – Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos, desenvolvido pelo Conselho Federal de Psicologia, sendo eles: Teste Não-Verbal de Inteligência SON-R 2 ½ - 7 [a]; Teste Não-Verbal de Inteligência – TONI – 3 – Forma A; Matrizes Progressivas Coloridas de Raven; Escala de Maturidade Mental Colúmbia (CMMS); Escala Wechsler de Inteligência para Crianças – WISC IV e Escala Wechsler Abreviada de Inteligência – WASI. (Conselho Federal de Psicologia – Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos. Disponível em: <<http://satepsi.cfp.org.br/>> Acesso em 06/01/2020.)

A escolha dos testes é um momento crítico da avaliação de crianças com TEA, e dependerá das características e necessidades daquela criança, pois, quanto maior for a gravidade dos sintomas, maior será o desafio de se avaliar e obter seu nível de funcionamento cognitivo e quociente intelectual confiável. Bosa e Teixeira (2017) ressaltam a necessidade de escolha de instrumentos apropriados não só à faixa

etária, mas também à severidade dos sintomas típicos do Autismo, com destaque para as habilidades verbais se estão ou não preservadas.

Neste levantamento bibliográfico foram encontrados 02 artigos e 01 dissertação de mestrado que trouxeram a temática do uso de testes para a avaliação da inteligência em crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista encontrados nas bases de dados já citadas e com os especificadores para a pesquisa.

O teste SON-R 2 ½ - 7 [a] é um teste não-verbal de inteligência para crianças entre as idades de dois anos e meio e sete anos e onze meses que foi normatizado e validado no Brasil em 2008. Pode ser administrado em crianças pequenas para fins diagnósticos e permite uma avaliação ampla do funcionamento mental da criança sem depender de habilidades linguísticas. O instrumento fornece uma avaliação normatizada da inteligência apresentando escores em quatro subtestes que, combinados, irão representar a habilidade cognitiva geral da criança. Também são fornecidos um escore para a Escala de Execução, que avalia as habilidades espaciais e visomotoras, e um escore para a Escala de Raciocínio, que avalia as habilidades de raciocínio abstrato e concreto (LAROS, 2016). Segundo Bosa e Teixeira (2017) o diferencial desse teste é que se trata de um teste não-verbal da inteligência, o que significa que não é necessário fazer uso da linguagem oral ou escrita para aplicar e responder ao teste.

O estudo de Macedo, et al. (2013) buscou verificar a adequação do teste não-verbal de inteligência SON-R2 ½ - 7 [a] para avaliação de um grupo de crianças com TEA. Os pesquisadores avaliaram 18 meninos com idade entre quatro e sete anos, todos com TEA. Os resultados mostraram que 55,6% do grupo obteve QI inferior à média e que houve diferença significativa entre o desempenho do grupo TEA e da amostra normativa nos quatro subtestes do instrumento. Tais resultados, segundo os autores, corroboram com estudos prévios que indicam relações moderadas entre inteligência, severidade dos sintomas e funcionalidade, bem como a presença de um perfil específico de desempenho não verbal de crianças com autismo.

Nesse estudo, os autores colocaram a discussão de que indivíduos com TEA apresentam um perfil específico de habilidades intelectuais que se caracterizam por

QI não verbal superior ao QI verbal e por isso, a utilização de testes não verbais seria uma vantagem na avaliação desta população. Os autores ressaltaram a importância de compreender melhor aspectos cognitivos dos indivíduos com deficiência intelectual moderada ou severa, bem como aqueles que não conseguem responder aos testes mais tradicionais, devidos prejuízos na compreensão e nas expressões verbais.

Os autores informaram que mesmo em provas essencialmente não verbais, é possível observar um melhor desempenho em tarefas que requerem habilidades visuoespaciais quando comparadas às tarefas que avaliam raciocínio abstrato e formação de conceitos. Também indicaram que são observadas dificuldades no subteste Padrões, cujo objetivo é copiar figuras de acordo com o modelo apresentado pelo examinador. Esse subteste requer habilidades específicas relacionadas ao desenvolvimento da coordenação motora fina. Os autores ressaltaram que embora as habilidades motoras não se enquadrem dentro das principais características que definem o TEA, diversos estudos apontam para déficits motores nesta população.

Nesse sentido, afirmaram que o SON-R tem adequada aplicabilidade para a avaliação da inteligência de crianças com TEA, consistentes com dados já descritos na literatura. Também ressaltaram que devido à escassez de instrumentos disponíveis para a população brasileira que avaliem aspectos cognitivos em crianças pré-escolares, a normatização do SON-R se faz importante para a investigação de aspectos cognitivos em fases precoces do desenvolvimento, em especial, nas crianças com TEA.

O estudo de Sbicigo e colaboradores (2019), comparou o desempenho de crianças e adolescentes com TEA e com dificuldades de leitura no Teste Matrizes Progressivas Coloridas de Raven. A hipótese do estudo foi que o grupo com TEA apresentaria um desempenho superior aos demais grupos, e essa expectativa foi parcialmente corroborada, pois o grupo com TEA apresentou desempenho superior ao grupo com dificuldades na leitura e ao grupo com desenvolvimento típico apenas na Parte A do teste.

Segundo Bosa e Teixeira (2017), o Matrizes Progressivas Coloridas de Raven é um dos testes mais utilizados na literatura nacional e internacional para avaliação

de crianças com TEA. Ele avalia a inteligência fluida de crianças entre 5 e 11 anos e é composto de três séries de 12 itens – A, Ab e B – onde a tarefa consiste em uma matriz incompleta e a criança deve escolher, dentre seis opções de resposta, aquela que melhor completa a matriz. Trata-se de um teste com pouca necessidade de instruções verbais, com conteúdo dos itens pouco dependente da cultura em que a criança está inserida, e não requer resposta verbal ou motora complexa.

Neste estudo, participaram 70 crianças entre 7 e 14 anos, sendo 16 com TEA, 19 com dificuldades na leitura e 35 com desenvolvimento típico. Nos resultados observados, o grupo com TEA apresentou desempenho superior na primeira parte do teste (Parte A) e esse desempenho foi discutido a partir da teoria da Fraca Coerência Central. Os autores explicaram que a Teoria da Fraca Coerência Central supõe que o autismo é caracterizado por um tipo de processamento que privilegia as partes do estímulo ao invés do todo, com dificuldade de processar e integrar o contexto. Nessa visão, a potencialidade dos indivíduos com TEA em tarefas de raciocínio abstrato visuoespacial ocorre devido a um processamento visuoespacial que privilegia as partes do estímulo, com dificuldade de processar o estímulo como um todo integrado. Isso quer dizer que os indivíduos com TEA apresentam vantagens em tarefas de busca visual.

O desempenho superior em relação aos demais grupos nessa primeira parte, corrobora com outros estudos presentes na literatura que enfatizam a superioridade de criança com TEA em tarefas visuoespaciais. Na Parte A do teste, o sujeito avaliado deve perceber diferenças, similaridades e simetrias em figuras contínuas sem depender de uma análise global do contexto. Considerando a hipótese de que possam apresentar fraca coerência central, esse desempenho superior pode ser explicado pela menor dependência do contexto na resolução dessa etapa do teste que demanda a resolução de padrões mais simples.

Os autores colocaram também que o teste de Raven tem sido um dos testes mais utilizados mundialmente na avaliação de inteligência fluida, capacidade que inclui operações mentais como reconhecimento e formação de conceitos, resolução de problemas, extrapolação e transformação da informação, uma vez que testes não verbais são menos dependentes da cultura e da linguagem. Os autores afirmaram que

a inteligência fluida tem sido alvo de pesquisas no âmbito do TEA e que inclusive, as habilidades visuoespaciais e a inteligência fluida têm, nas últimas décadas, constituído uma potencialidade cognitiva no autismo.

A dissertação de mestrado de Soares (2018) buscou examinar a hipótese de que indivíduos com TEA apresentam um desempenho superior no teste Matrizes Progressivas de Raven, do que nas Escalas Wechsler de Inteligência para crianças – 4ª edição. A amostra foi composta por três grupos de crianças – um grupo de 39 crianças com TEA, entre 07 e 16 anos (subdividido em crianças com QI menor que 85 e crianças com QI maior ou igual a 85), e um grupo de 21 crianças com desenvolvimento típico, individualmente emparelhadas aos participantes com TEA em função da idade. A autora informa que de acordo com estudos anteriores, em sua pesquisa os participantes com TEA apresentaram um desempenho maior no teste de Matrizes Progressivas de Raven do que no WISC-IV.

O Teste WISC-IV (Escalas Wechsler de Inteligência – Quarta Edição) objetiva avaliar a capacidade intelectual e o processo de resolução de problemas em crianças entre 6 e 16 anos. É composto por 15 subtestes, sendo 10 subtestes principais e 5 subtestes suplementares, distribuídos em quatro índices. Nesse teste, o Coeficiente de Inteligência (QI) total é derivado da combinação dos escores ponderados dos 10 subtestes principais (WECHSLER, 2013).

A autora informa que seus resultados corroboram com os achados de Dawson e colaboradores (2007) e por Nader e colegas (2016) de que crianças com TEA possuem melhor desempenho no Raven do que nas escalas Wechsler de inteligência. Tal discrepância não foi encontrada no grupo de crianças típicas, sugerindo assim, que o Raven pode representar melhor a inteligência de crianças com TEA.

A autora também indica que a tendência em variar os resultados em testes de inteligência confirma, mais uma vez, o aspecto heterogêneo do desempenho das crianças com TEA em testes de inteligência, como também já bem relatado na literatura. É possível notar que os pontos fortes da cognição no TEA estão relacionados com as habilidades visuoespaciais e habilidades para inferir padrões,

fatores predominantes nos testes de inteligência não verbais demonstrando que esses testes parecem ser mais eficazes para a avaliação de crianças com TEA.

Podemos então enfatizar a importância dos instrumentos de avaliação para entender o funcionamento cognitivo de uma criança com Autismo, porém, com o cuidado necessário para a escolha do instrumento, uma vez que esse pode mascarar as potencialidades do indivíduo se exigir altas demandas que irão ao encontro com as dificuldades e déficits gerados pelo transtorno. A literatura ressalta um QI não verbal superior nesses indivíduos e as habilidades visuoespaciais que podem ser uma importante fonte de informação sobre o raciocínio e o funcionamento mental de crianças com TEA.

### **Considerações Finais**

Os poucos artigos encontrados neste levantamento bibliográfico, mostram a escassez de publicações nacionais acerca da temática da avaliação da inteligência em crianças com TEA. A relevância desse tipo de estudo é alta e se faz necessária, uma vez que dispomos de mais instrumentos validados no país para a avaliação dessa habilidade cognitiva. Em contrapartida, o que os estudos citados e também a literatura internacional traz, é sobre a importância da avaliação de crianças com TEA não exigir altas demandas de linguagem, uma vez que tal habilidade pode estar comprometida em uma criança com autismo.

O Son-R e o Matrizes Progressivas Coloridas de Raven se mostraram como bons instrumentos para este tipo de avaliação, uma vez que não trazem exigências de aspectos da linguagem. É importante considerar que não é só a escolha do instrumento a ser utilizado na avaliação que merece atenção especial, mas também o manejo do profissional, que precisa estar preparado para uma testagem com uma criança que poderá apresentar alterações comportamentais e dificuldades relacionadas a essa situação. Por fim, enfatizamos a importância de se compreender sobre o funcionamento intelectual desses indivíduos para a implementação de intervenções mais eficazes e direcionadas.

Mais pesquisas se fazem necessárias, tendo em vista outros instrumentos validados no Brasil para avaliação dessa habilidade cognitiva, que poderão contribuir

para um levantamento de perfil intelectual mais fidedigno da criança, favorecendo assim, seu desenvolvimento global.

## Referências Bibliográficas

- American Psychiatric Association (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. Porto Alegre: Artmed.
- Bosa, C.A. & Teixeira M.C.T.V. *Autismo: avaliação psicológica e neuropsicológica*. São Paulo: Editora Hogrefe, 2017.
- Conselho Federal de Psicologia – Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos. Disponível em: <<http://satepsi.cfp.org.br/>> Acesso em 06/01/2020.
- Malloy-Diniz, L. F., Mattos, P. Abreu, N. & Fuentes, D. *Neuropsicologia: aplicações clínicas*. Porto Alegre: Artmed, 2016.
- Macedo, E. C., Mecca, T. P., Valentini, F., Laros, J. A., Lima, R. M., & Schwartzman, J. S. (set./dez. de 2013). *Utilizando o teste não verbal de inteligência SON-R 2 ½ - 7 [a] para avaliar crianças com Transtornos do Espectro do Autismo*. Revista Educação Especial, pp. 603-618.
- Rogers, S.J. & Dawson G. *Intervenção Precoce em Crianças com Autismo: Modelo Denver para promoção da linguagem, da aprendizagem e da socialização*. Lisboa: Editora Lidel, 2014.
- Sbicigo, J. B., Bosa, C. A., Bandeira, D. R., Teixeira, M. C. V., & Salles, J. F. (2019). *Desempenho no teste de Raven: diferenças entre crianças-adolescentes com TEA e com dificuldades de leitura*. Avaliação Psicológica, 2019, 18(2), pp. 192-200.
- Soares, J.M.M. *A Inteligência no Transtorno do Espectro Autista*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.